

Ana Carolina Meireles*

Universidade do Porto

Faria, Andreia C. (2024), *Canto do Aumento*, Lisboa, Sr. Teste Edições. 90 páginas. ISBN: 9786120017043.

Canto do Aumento, de Andreia C. Faria, divide-se em três partes: “Canto do Aumento”; “Lastro”, cuja primeira versão foi publicada na Revista *Limoeiro Real* (2023); e “Um pouco de melancolia”, inicialmente publicado em *Políticas do Sci-fi. Leituras de companhia depois do filme* (2023) resultante de uma encomenda por parte do Batalha Centro de Cinema. Poderá considerar-se uma quarta parte, fragmentada em dois momentos, composta por catorze desenhos da autoria de Rita Roque (incluindo a imagem da capa). Na íntegra, esta nova edição da Sr. Teste Edições soma noventa páginas, nas quais se leem vários poemas em prosa da autora que, até à data, publicou já seis livros de poesia (*De haver Relento, Flúor, Um Pouco Acima do Lugar Onde Melhor se Escuta o Coração, Tão Bela como Qualquer Rapaz, Canina*) – incluindo um volume que reúne os seus primeiros quatro livros (*Alegria para o Fim do Mundo*) – e um livro de prosa (*Clavicórdio*).

A leitura de *Canto do Aumento* é presenteada com duas epígrafes. A primeira, particularmente curiosa, principia o livro e desvela o mistério do seu título: “O Canto do Aumento assinala o momento mais encantador da vida da colmeia, um momento em que tudo floresce com a ação certa. As abelhas deleitam-se em cumprir a sua directiva de suportar o aumento no mundo” (3). Citada diretamente de um fascículo do Museu do Porto, *A Sociedade das Abelhas* (2021), escrito por Nicolau da Costa, sabe-se agora o que preconiza este canto: um evento (anual) de enxameação, no qual as abelhas deixam a sua colmeia e, junto da abelha rainha, formam uma nova colónia. Na verdade, este canto é o som produzido pelas abelhas, que, sinalizando saúde, crescimento e mudança, é tido como “a mais poderosa das canções das abelhas”, na recuperação das palavras de Nicolau da Costa.

Se, por um lado, estas pistas parecem projetar o leitor para um lugar de *aumento*, envolto numa forte atmosfera de renovação e esperança, por outro, vale atentar na segunda epígrafe: “Foi assim que se procedeu ao milagre da multiplicação dos pães. Uma subtração delicadíssima”. Retirada de *Sermão do Fogo*, romance de Agustina Bessa-Luís, publicado em 1963, esta passagem não poderia senão antecipar o que Andreia C. Faria escreve a respeito do capitaloceno: “Estamos na margem ilusória da abundância, do lado da realidade em que a promessa geral de crise basta para nos tolher. Estamos do lado errado do desejo, consumindo com emoção apocalíptica, mas consagrando o gosto

ao minimal para que a alma tenha ainda por onde se salvar” (6). Estando “afeiçoa[dos] ao ritmo da catástrofe”, a ausência de comunidade acentua as diferenças, o privilégio e a indiferença entre os indivíduos – “o ganho de um grupo anuncia-se desligado da desgraça de outro” (7) –, tornando como único fator comum a pobreza: “só empobrecer é um movimento coletivo” (8). Neste sentido, o aprisionamento numa situação sem saída, num cenário pré-apocalíptico, ainda que temporariamente favorável, revela-se inevitável: “Mesmo se não passamos necessidade, se temos casa, um trabalho, alguém conosco, começamos a saber que em breve o mundo será um lugar pobre, árido, descarnado, e também nós começamos a sê-lo” (6).

Entre “um tardio desgosto pelas coisas do mundo” e o sofrimento causado “pelas expectativas dos outros” (10) é, então, recordado um sonho, no qual uma mulher corta as duas mãos. Não importando o método utilizado pela mulher para tal ato, “o que importava é que já ninguém esperava alguma coisa dela” (9) - apenas a sua incapacidade é tida em consideração. O livro de Andreia C. Faria não se esgota na denúncia das dinâmicas que caracterizam o cotidiano contemporâneo, tais como a expectativa de produtividade frenética ou a dessensibilização, consequentes da globalização. Trata-se, na verdade, de uma escrita simultaneamente crua e poética indiciante de uma forma de resistência. Não se lê, em nenhuma destas páginas, um pedido de salvação; mas antes micronarrativas que expõem pequenos atos de sobrevivência. Paralelamente, cumpre mencionar outros casos em que se verificam mecanismos semelhantes: um pintor que, perdendo gradualmente a visão, começa a aplicar cores mais escuras nas suas peças – “o pintor terá começado a pintar aquilo que já não tinha, aquilo que o mundo nunca mais lhe poderia dar” (12). Ou, ainda, Hoichi, figura do folclore japonês que representa um monge cedo e musicalmente talentoso, e que tem as suas orelhas cortadas ao atuar perante uma audiência de fantasmas – “nos anos seguintes, sem orelhas, a audição um mero sentido botânico, o ouvido um nenúfar em águas paradas [...] torna-se um músico célebre e amado” (73). Verifica-se, pois, que todos estes exemplos são sustentados pela mesma estrutura: um ato de resistência cuja perda (“uma subtração delicadíssima”) resulta, por contraste, em capacitação.

São muitas as razões que concorrem para que *Canto do Aumento* se destaque enquanto livro intensamente subversivo – razões essas que confrontam temáticas da atualidade, desde a desigualdade de género ao agravamento da crise ecológica. Aliás, uma grande parte dos fatores que perpetuam estas práticas nefastas é causada por uma circularidade viciosa: “tudo é construção social, as pessoas já não têm instintos mas a forma como foram educadas” (23). Quanto mais enraizado e corrompido está um sistema social e cultural de dominação, maior a dificuldade da sua desconstrução. Com efeito, em Andreia C. Faria lê-se algo a este propósito: “Os homens estão próximos de Deus como as mulheres estão próximas dos animais [...] Desde muito cedo é explicado às mulheres que não podem impedir o corpo dos homens nem o sacrifício dos animais. Ninguém pode impedir nada. As coisas são como são, dizem-nos” (21-22). Esta passagem comprova como

este livro se presta a uma análise feminista, corroborando a contaminação da realidade feminina pelo pensamento patriarcal, ao ponto de a sua autonomia ser ainda tratada como uma anomalia: “mas uma mulher sozinha é um desastre para a economia” (9). No fim deste ensaio lírico, a autora escreve, quase concluindo, num tom tanto melancólico quanto provocador: “apesar das boas intenções, também nós fizemos poucos progressos no que se refere a libertarmo-nos” (22).

Num momento em que a crise ambiental e a instabilidade crescente do mundo aparentam impactar cada vez mais esferas da vida humana, a empatia para com a vida animal desponta. Uma das vozes que sublinha essa preocupação é precisamente a de Andreia C. Faria: “Às vezes uma dor, uma humilhação, mistura-nos ao coro das reses, à lama dos cortiços, sentimos bater o coração. E então sabemos como vivem os animais” (14). Aliada à compaixão pela vida dos considerados residentes da outra margem, não deixa de estar patente uma autocrítica à espécie humana, principalmente quando lembradas as repercussões da sua intervenção no meio natural: “Os animais já foram, desapareceram, os animais e os migrantes já seguiram numa transumância sem regresso, mas nós ainda aqui estamos” (15). Aludindo, desta vez, à beleza associada ao que cessa de existir - “toda a gente sabe que a beleza é a sombra do que já não existe” (45) -, sugerindo também o fenómeno da extinção; a autora remete para o incidente de estiagem que teve lugar no Quênia, em 2021, em que foram encontradas seis girafas mortas de sede: “as girafas formam um círculo, são como pétalas de uma flor desfeita; os seus corpos começam a afundar-se porque os rios já não tocam o coração da terra” (45); e em como, a este ponto, a beleza não é senão “a marca da desigualdade entre os vivos e os mortos, entre humanos e animais” (49). Violência e beleza são, assim, aproximadas no cerne de uma alta tensão que culmina reiteradamente na visão antropocêntrica: “quando se está do lado dos mortos, do lado dos animais que nem sabem que um dia serão mortos, quando se está aí, imaginativamente, deve ser terrível encontrar a beleza do mundo” (49). Prevalece, deste modo, um incontornável sentimento de desconfiança perante o ser humano: “quando se sabe isto e se está ausente de linguagem, quando se está vivo e imaginativamente fora da vida, é impossível ficar à vontade entre os homens” (49).

Máquina, linguagem, poesia e alienação são algumas das palavras que compõem as últimas páginas de reflexão deste livro. Situada no cume da era tecnológica, dispersa entre as previsões do algoritmo, a poesia vê destituído o seu vigor. Não admira, portanto, que o poeta sinta a impotência do seu ofício: “O meu trabalho de poeta adiantava muito pouco a qualquer espanto ou reinvenção do mundo” (71). Esta sensação de desfasamento é reforçada pela absorção numa sociedade de consumo, onde linguagem e texto são igualmente instrumentalizados: “Eu vejo e acredito e o texto é-me apostado à carne sob a forma agradável de roupas, viagens, bebidas, preferências, tudo o que descubro e posso comprar” (72). Por outras palavras, sob a governação de uma lógica em que discurso se confunde com produto e os indivíduos se veem submersos nos códigos do mundo capitalista, sobressai um estado de alienação até com a própria língua: “Acordo e saio de

casa. Saio da língua materna, estremunhada, pronta para esconjurar o mundo, como uma criança triste” (76). “Um pouco de melancolia” vai além do desabafo das problemáticas enfrentadas pelo escritor pós-moderno, interrogando, por sua vez, uma ordem que se traça num modelo de recompensa contínua – “recompensa ou castigo, tudo agora nos é dado sob a forma do prazer” (72).

Posto isto, o mais recente livro de Andreia C. Faria pode ser lido à luz de um “sorrir de aflição” (13), onde são assinalados os comportamentos destrutivos que levam à desvinculação face à realidade humana. Entregues à urgência do automatismo e do consumo, são incorporadas formas de violência que passam por um processo de normalização, cujos efeitos se manifestam, por seu turno, lenta e cumulativamente. *Canto do Aumento* percorre as várias dimensões do que hoje se entende por “*slow violence*”: uma violência exercida de modo gradual, ao contrário das leis do imediatismo que operam conforme o regime económico vigente. A título de exemplo, atente-se na passagem: “Ver pornografia é como ver um lenhador abater uma árvore, vê-lo de muito perto. O esforço e os grunhidos do lenhador, o gemido da árvore, o ódio à sua carne densa, o golpe final, furtivo. O lenhador abate a árvore, esquarteja-a até ser só madeira, e essa violência excita-nos. Excita-nos a morte da imaginação” (79). Neste contexto, a poesia de Andreia C. Faria não pode senão exibir-se sintomática de um mal-estar civilizacional profundo – mal-estar esse que irrompe da constatação de que já não é possível a rutura com a dependência de modelos de exploração e desumanização. Para além do diagnóstico de um fim do mundo, é surpreendente como não são dadas quaisquer instruções para a sua prevenção, porquanto tal já não é realizável. A reversibilidade da situação cabe apenas ao ser humano que, estando preso nas circunstâncias por si criadas, assiste à redução da sua existência a “uma palavra desenterrada, apodrecida, cujo cheiro já não é possível desenterrar” (21).

NOTA

* Ana Carolina Meireles frequenta o Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, com especialização em Estudos Comparatistas, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas, na vertente Estudos Portugueses e Franceses pela mesma instituição. Foi bolseira de Iniciação à Investigação no projeto exploratório “Ver a Árvore e a Floresta. Ler a Poesia de António Ramos Rosa à Distância” (ILCML) e bolseira de Mestrado no seu projeto “Natureza, animais, poesia e inconsciente: ler o surrealismo à luz da ecocrítica” (CITCEM). Em 2024, coeditou o livro digital “*Escrever com os Pardais*”: notas para uma zoopoética (com Helena I. Lopes, Porto: ILCML) e atualmente desenvolve a sua dissertação sobre zoopoética e ecofeminismo em poesia portuguesa contemporânea.